

O GAROTO INVISÍVEL

VENDA PROIBIDA



Autor: Felipe Barenco • ilustrações: Estúdio Pandora



MINISTÉRIO DA
CULTURA



Copyright © 2018 Fundação Educar DPaschoal
Todos os direitos reservados. A reprodução de
textos e imagens é permitida desde que não haja
fins comerciais e a fonte seja citada.

AUTOR: Felipe Barenco

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Juliana Furlanetti

COLABORAÇÃO: Camila Figueiredo, Carolina Baldin Meira,
Cristiane Stefanelli, Isabela Becker, Simone Santos.

ILUSTRAÇÕES E PROJETO GRÁFICO: Estúdio Pandora

DIREÇÃO DE ARTE: Ricardo Quintana

ILUSTRAÇÃO: Jânio Garcia

DIAGRAMAÇÃO: Juliana Romão

REVISÃO: Sarita Carvalho

REALIZAÇÃO: Fundação Educar DPaschoal - (19) 3728.8129

AGRADECEMOS AOS JOVENS QUE CONTRIBUÍRAM PARA O

CONTEÚDO DESTES LIVROS: Adler Felipe Correia Leite, Ana Clara Menelau,
Ana Laura Aquino Dias, Beatriz da Graça Tamazia, Bianca da Graça
Tamazia, Brenda Marina Lonetta Jacob, Erick Lucas Honorio da Silva,
Giovanna Caroline Luciano Inácio, Henrique Marques Bazoti,
Jefferson Gabriel Costa da Silva, Leticia Bianca Ferreira Talassi,
Miriã Franco Moraes, Nilson Gabriel Andrade Barbosa e
Leydiane Nunes da Silva

Esta obra foi impressa na (NOME DA GRÁFICA), em papel cartão (capa)
e papel couché (miolo). Esta é a 1ª edição, datada de 2018, com tiragem
de 3.000 exemplares. (PRONAC 14 14380)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Agência Brasileira do ISBN - Bibliotecária Priscila Pena Machado CRB-7/6971

B248 Barenco, Felipe.
O garoto invisível / Felipe Barenco; (ilustrações Estúdio Pandora).
Campinas : Fundação Educar DPaschoal, 2018.
44 p. : il. ; 21cm.
ISBN 978 - 85 - 7694 - 279 - 5

1. Literatura Infante - juvenil. 2. Identidade. 3. Valores .
4. Educação moral. I. Estúdio Pandora. II. Título.

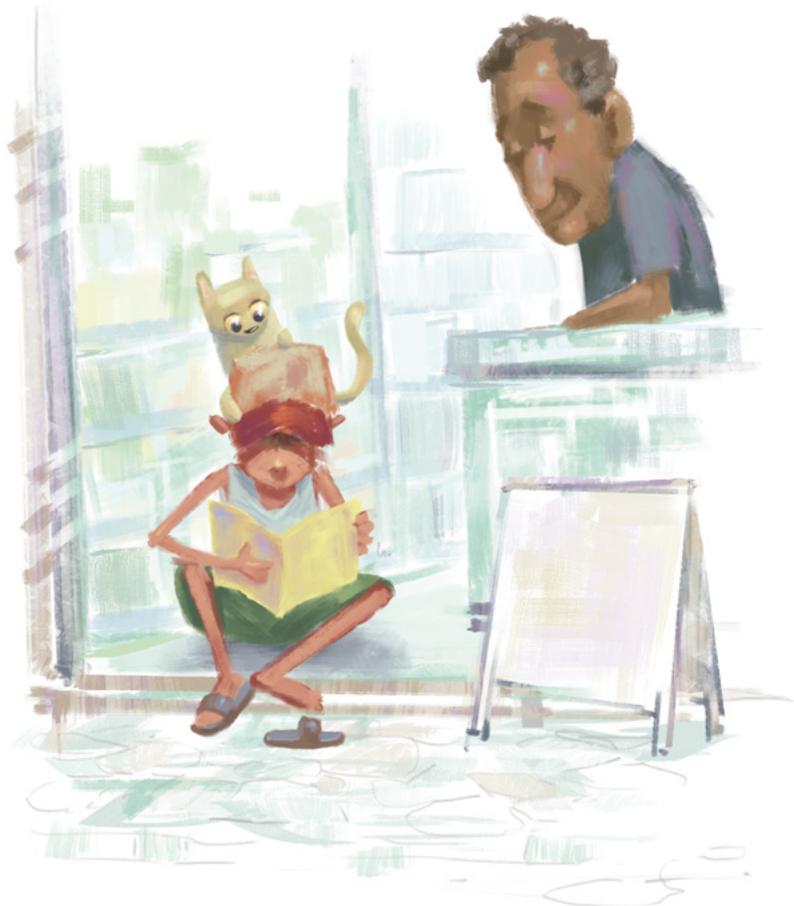
CDD 808.068

PRÓLOGO



Nos livros, os jovens da minha idade costumam realizar feitos heroicos, descobrir poderes fantásticos ou encontrar um grande amor. Eu sou um garoto comum. Os dias têm sido difíceis. Amanhã é a mudança e minhas férias acabam de entrar para o TOP 3 das piores férias que eu já tive. Agora eu tô vendo a minha mãe guardar as últimas coisas dentro das caixas de papelão e tô meio em choque... Ela tá me gritando para empurrar o armário com o meu tio. Espero que troquem o roteirista da minha vida na próxima temporada.

UM DOMINGO TÍPICO



Era um domingo típico lá em casa. Acordei com a minha irmã abrindo a cortina do quarto e tentei fugir do sol embaixo das cobertas. Ela me sacudiu na cama como se eu estivesse atrasado para o colégio e levantei, meio sonâmbulo. Acordar às oito horas da manhã no final de semana porque “a Ju precisa gravar os vídeos pro canal dela” é um dos problemas de dividirmos o quarto.

A mãe tinha acabado de tirar o bolo do forno. Lavei o rosto como num domingo típico, tomei café da manhã como num domingo típico e fui à banca buscar o jornal para o meu tio.

O jornaleiro não fica longe, mas é um caminho razoável para se andar com um gato. Digo isso porque o meu gato gosta de passear. Ele nasceu com alma de cachorro, só falta latir.

— Bom dia, seu Otacílio! – eu falei, entregando o dinheiro. Seu Otacílio é o dono da banca mais tradicional do bairro. – Já chegou o número 21?

— Atrasaram, Gabrielzinho. Passa semana que vem.

Preciso fazer uma correção. Não era um domingo típico. Era o primeiro domingo de junho e no primeiro domingo de cada mês sai a edição da minha ¹*HQ favorita, “O Homem-Invisível”. Vocês podem imaginar qual é o superpoder dele. Tenho todos os números, só me falta o primeiro.

De uns tempos pra cá, tenho reparado que a banca do Seu Otacílio tem cada vez menos gibis. Questionei sobre o atraso na entrega e ele completou:

— Só você compra esses quadrinhos... Não quiseram me deixar um exemplar só. Pediram pra você encomendar no site.

— Ah, mas comprar pela *internet* não tem a mesma graça. E sou muito ansioso pra ficar esperando chegar.

— Pois é, tô vendo o dia que vão trocar a minha banca por um computador.

Desde criança eu compro gibis com o seu Otacílio. Mas ele diz que as bancas de jornal vão sumir, igualzinho as locadoras e os filmes para revelação fotográfica. Pra mim, ele tem o emprego dos sonhos, eu poderia ficar ali sentado o dia todo lendo quantos gibis eu quisesse.

Botei o jornal embaixo do braço e, chegando em casa, a Brasília do meu tio tava estacionando na rua. Dava para reconhecer só pelo barulho do motor e eu tinha a sensação de que, a cada final de semana, ela vinha com uma peça a menos. A tia Mara desceu do carro, xingando.

— Tem que vender essa porcaria, Túlio!

— Nunca vou me desfazer da Baby Blue! – ele respondeu. Sim, o carro tinha nome.

— Vem, pai! – a tia ajudou meu avô a sair do carro.

1 *HQ - História em quadrinhos

Corri para dar um abraço neles. Dei um beijo em cada um. Abracei meu avô e ele reagiu como se estivesse sendo assaltado.

— Quem é você?! – ele perguntou – Duda?

— É o Gabriel. Seu neto – emendou tia Mara, sem paciência. – Duda já morreu! Cruzes credo.

Faz dois anos, mais ou menos, que meu avô foi diagnosticado com Alzheimer. É uma doença que afeta a memória dele, como se a cabeça fosse um computador e estivesse deletando todos os arquivos. Começou com um esquecimento bobo aqui, outro ali, até que um dia ele se perdeu voltando da feira. Agora, nem o meu nome ele lembrava mais. Ficou assim desde que a vovó faleceu. Entrei no meu quarto para buscar o celular e fui recebido com um berro.

— Sai daquiiii! – minha irmã arremessou um livro em cima de mim.

A Ju tem um canal no *Youtube* no qual ela compartilha umas paradas da vida dela e fica dando conselhos para outros adolescentes. Ela nunca me passou o endereço do canal porque diz que sou criança. (Como se 16 para 15 anos fosse um abismo de maturidade!). Na verdade, ela tem vergonha que eu assista. Deve falar sobre sexo, né?

— Mãe, olha o Gabriel me atrapalhando! Sai do meu quarto!

— “Nosso quarto”, você quer dizer, né?

Como ontem nós passamos o dia todo fora, ela só tinha a manhã de domingo para gravar. Nosso quarto tinha virado cenário para o canal dela. Quem assiste aos vídeos, conhece uma Ju totalmente diferente da realidade. Na *internet*, ela é rica, feliz e bem-humorada. Só eu sei como é a minha irmã fora do celular.

Peguei sol com o meu avô embaixo da árvore, no quintal. Postei uma *selfie* com ele.

— Quem é você? – meu avô repetiu.

— Sou o Gabriel. O senhor me apelidou de Biel.

Como o vô perguntava toda semana “Quem é você”, foi inevitável lembrar-me das aulas de Filosofia. Certa vez, nosso professor disse que “Quem

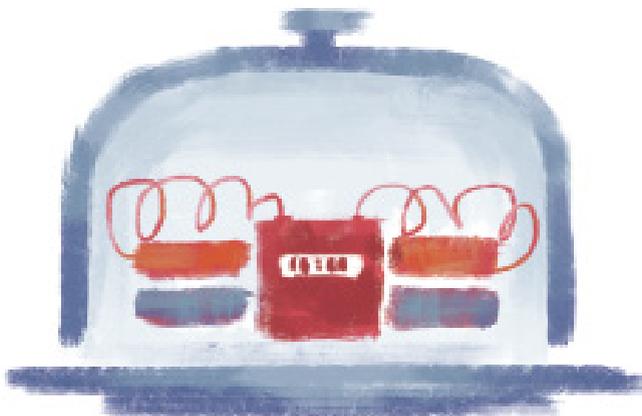
sou eu?” é uma das perguntas mais complexas já elaboradas pela humanidade.

E que não existe uma resposta definitiva. O “Eu” sempre muda, é uma busca, uma construção – se é que eu entendi direito.

“Sou o Gabriel”. Comecei a filosofar sozinho e catei uma manga para o vovô na árvore. Será que não tem mais nada que me define além do meu nome? O que me diferencia de todos os outros milhares, milhões de Gabriel que existem por aí?

“O almoço tá na mesa!”, minha mãe berrou. Falando em nome, uma das coisas que eu mais curto na minha mãe é o nome dela. Mônica. Tipo uma piada interna com os quadrinhos.

Num domingo típico, eu ia comer igual um doido no almoço e ficar esperando o guindaste me carregar para a casa dos meus amigos. Até esse dia, minha maior preocupação era mandar bem nas provas e completar a coleção de HQs do Homem-Invisível. Mas, quando me sentei à mesa, senti um clima esquisito. Mudaram de assunto de repente, como se estivessem falando de mim. Vinha bomba por aí.



A BOMBA EXPLODIU



Precisei receber uma má notícia para reconhecer o quanto minha vida era legal. Foi mais ou menos assim: sentamos à mesa para comer, o cheirinho da carne assada misturado ao falatório e ao barulho dos pratos e talheres. Minha mãe e o tio Túlio discutindo política, a tia Mara reclamando do calor e meu avô que acabara de derrubar o copo de suco na toalha. Um almoço de domingo típico, só que não.

- Larga esse celular, Ju! – berrou a mãe.
 - Celular é uma praga. – completou a Mara – Tô tão viciada no meu que qualquer dia fumo o aparelho.
 - A mangueira tá carregada.
 - Tem que cortar essa árvore, Mônica. Come o sol todo do quintal.
 - Cortar árvore é pecado – falou meu tio.
 - O que tem pra sobremesa?
 - Deve ser mousse de manga... Nessa casa é doce de manga, suco de manga, arroz com manga! Deus me livre! – tia Mara alfinetando.
 - Almoça primeiro.
 - Passa o arroz, Jurema.
 - Pô, Gabriel, é Juliana!
 - Olha a educação à mesa. Para com essa palhaçada de “Juliana”!
- falou a mãe.
- Ué, se a cantora Anitta se chama Larissa, porque eu não posso me chamar “Juliana”?
 - Porque Jurema foi o nome que eu escolhi!
 - Você não, o “pai” escolheu. Além de sumir, ainda me amaldiçoou com esse Jurema.
 - “Jurema” é nome de lata de ervilha – tio Túlio também zoou e eu gargalhei.

Pronto, começou a briga. Um falando em cima do outro, minha mãe irritada tentando colocar ordem na casa, ânimos exaltados, até que ela deu um berro.

- Chega! Nós vamos mudar de cidade – ela soltou no impulso.
- QUÊ?! – respondi, depois de um breve silêncio que parecia ter durado uns cento e cinquenta anos.
- Lembram-se daquele concurso público que eu falei pra vocês?
- Aquele do ano passado?
- Pois então. Me chamaram.

Além de perder a fome, tive vontade de vomitar o pouco que eu já tinha comido. Geralmente, quando vão dar uma má notícia, dizem assim: “Tenho uma boa e uma má notícia”. Dessa vez eram duas ruins.

- Mudamos nessas férias. Começo o trabalho em agosto.

- Não é possível! E o colégio, como fica?! Vou perder o ano!
- Claro que não, já resolvi a transferência de vocês.
- Você vai aceitar calada? – busquei o apoio da Ju.
- Sua irmã já sabia.
- Desde março – ela jogou a última pá de terra na minha cara.
- Traidora!
- Gabriel... Te conheço, você é ansioso – era a mamãe falando. – Se eu te contasse antes, você ia passar o ano todo sofrendo por antecipação.

“Tio, eu posso morar contigo?”, foi a pergunta que eu fiz logo em seguida, mas é claro que não podia. Quer dizer, ele até deixou, mas a mãe disse que era uma ideia estapafúrdia e não tinha o menor cabimento.

Naquele momento eu preferia morrer. Sério. Não é exagero. Quero dizer, claro que é exagero. Digamos que eu só não quisesse mais viver.



SOCORRO!



A noite de domingo para segunda entrou para o TOP 5 das piores noites da vida, e olha que eu nem elegi as outras quatro. Nem dormi.

Enfrentei a aula de Física com sono, a aula de Português angustiado, a aula de Química de mau humor e, é claro, eu inventei que tinha torcido o pé para fugir da Educação Física. Eu precisava desabafar com alguém e tomei coragem para conversar com meus amigos.

— Larga de drama. Claro que a gente vai se ver. A distância nunca vai mudar a nossa amizade – disse o Paco, no pátio da escola.

— Ainnn... muda, pior que muda – disse o Caco, sofrendo comigo.

Paco e Caco são os meus melhores amigos. São gêmeos, são negros. Nos conhecemos desde o maternal; a gente nem sabia falar direito e já se conhecia. Queria ter conversado com o Paco primeiro; ele é mais “sensível”. Costumo zoar que os dois são as gêmeas boa e a má.

— Mudar de casa, mudar de bairro, mudar de escola... mudar de cidade! Já foi tão difícil conquistar minhas coisas aqui... não quero começar de novo.

— Mas você conquistou o quê?

— Sei lá, cara, tipo ir ao churrasco da turma e ficar de chinelo.

É que um dedo do meu pé é meio estranho e sempre morri de vergonha dele. Por mim eu ficava sem ele, mas o Tio Túlio me convenceu que era melhor ele daquele jeito do que ter um a menos. Os conselhos do meu tio são politicamente incorretos.

E prossegui na minha lista de conquistas:

— Já sabem que eu sou o Gabrielzinho do primeiro ano, sabem que eu não sei jogar futebol... Vamos mudar de assunto. Tô ficando apavorado.

O mais irônico disso tudo é que, uns dias atrás, eu tinha rezado antes de dormir implorando que eu fosse bem nas provas e que os gêmeos não ficassem de recuperação - para aproveitarmos as férias ao máximo. Ainda pedi assim: “Que sejam férias inesquecíveis”.

Pelo visto, Deus entendeu errado. Quer dizer, mudar de cidade nas férias é mesmo algo inesquecível, mas a confusão divina deve fazer parte daquele ditado das linhas tortas.

Ansioso eu sempre fui, mas nesses dias eu descobri um sentimento novo: melancolia. Eu ficava no quintal lembrando-me da minha infância e andava pelo bairro com saudade de todas as histórias que vivi lá. Ir para o colégio virou a contagem regressiva do “Hoje é um dia a menos”.

A semana foi um desastre: chorei escorregando na porta igual nas novelas mexicanas, fugi para a casa do meu tio, fiz greve de fome, passei o final de semana dormindo e, no final das contas, o resultado era previsível: mandei mal

em todas as provas. Minha mãe começou a ficar preocupada quando a professora Penélope ligou para ela (?!). Falaram até em depressão.

Numa tarde, eu havia acabado de chegar do colégio, ela sentou para conversar comigo. De novo.

— Filho, entenda uma coisa. A mudança é difícil pra mim também. Eu adoraria continuar aqui, mas eu quero que vocês tenham uma vida melhor. Vou ter mais estabilidade, vou ganhar um pouquinho a mais... Na casa nova, você e sua irmã terão seus próprios quartos!

— De que adianta ter um quarto só meu se não terei amigos?

— Pense no lado bom... Vai fazer novos amigos.

— E qual o lado bom?

— Novos amigos, Gabriel!

— Como se fosse fácil.

— Nós poderemos vir pra cá sempre. São três horinhas de viagem. O Paco e o Caco vão passar finais de semana com a gente.

— Hmm... – eu só não chorei porque a minha irmã tinha acabado de chegar em casa.

Confesso, eu chorei sim, mas chorei no banho. Depois, peguei a número 21 do Homem-Invisível para ler embaixo da árvore enquanto esperava o jantar ficar pronto. Mas, antes de ir para o quintal, a campainha tocou. Devia ser a vizinha fofoqueira querendo saber detalhes da nossa mudança e ainda ia perguntar se eu estava bem. Queria me esconder no quarto. “Atende lá, Gabriel!”, disse a mãe, lavando louça.

Quando eu abri a porta, não havia ninguém. “Graças a Deus, a fofoqueira foi embora”, eu pensei. Então olhei para baixo. Olhei fixamente para baixo, intrigado. Tipo naquele meme da Nazaré Confusa, sabe qual?

Havia uma caixinha de madeira no capacho da porta, envolta por um laço. Igualzinho acontece quando a cegonha entrega um bebê na sua porta. Peguei a caixa, meio atônito.

— Quem era? – a mãe perguntou.

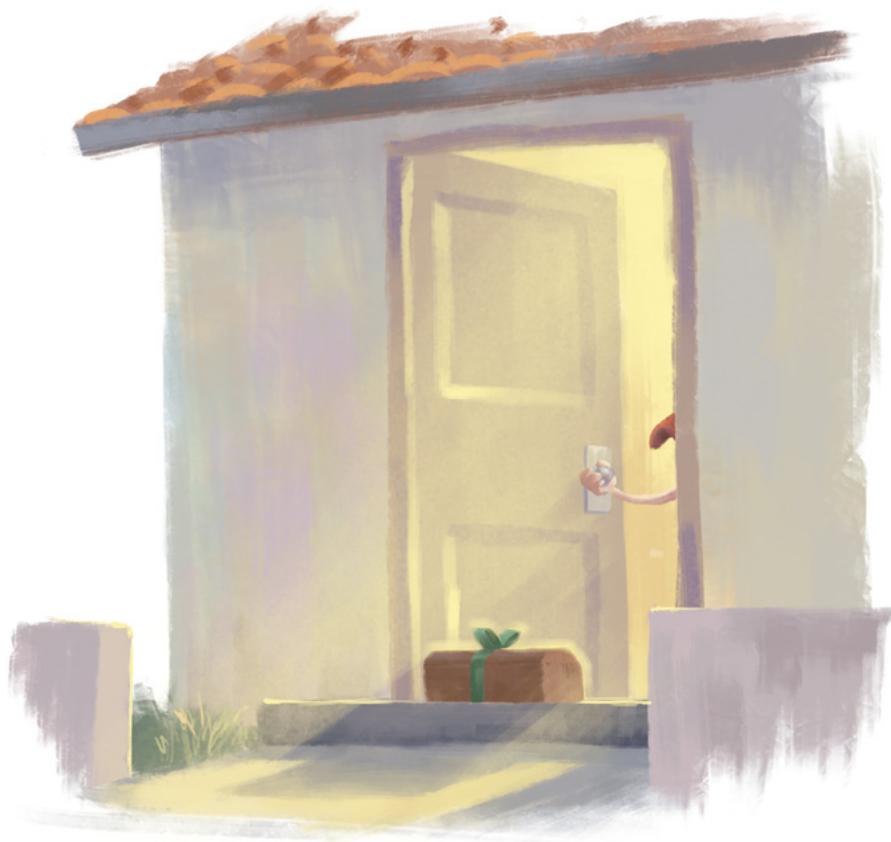
— Olha só o que deixaram na porta!

— Ah, é pra você.

— Mas quem deixou?

Ah! Era essa a resposta valendo um milhão de reais.

RELICÁRIO



Não era meu aniversário. Fiquei um tempão paralisado na cozinha, segurando aquela caixa de madeira, querendo entender quem tinha deixado o presente. Não havia meu nome nela, então custei a acreditar que era para mim. NUNCA recebi presentes pelo correio. Aliás, em circunstâncias normais, minha mãe daria

um berro com o embrulho misterioso, deixado por um anônimo na porta de casa, e chamaria o esquadrão antibomba. Ela estava calma demais para quem sequer faz compras pela *internet* “porque tem medo”.

— Tem certeza que não é pra Jurema? – perguntei. Só podia ser algum dos seguidores dela.

— Certeza absoluta.

— Tem carteiro essa hora?

— Deve ter.

Vou descrever a caixinha de uma vez, mas saiba que, na hora, eu sentei no chão da sala e desfiz o laço correndo. E abri a caixa mais rápido ainda e li a carta em dois segundos. Mas, num livro, é melhor segurar a expectativa. Era uma caixinha de madeira da largura de um livro. Havia um laço verde em volta. A carta veio num envelope verde também. Por coincidência, minha cor favorita.

— O que tem dentro dela, Gabriel?

— Até parece que você não sabe!

Meu gato ficou rondando a caixa, desconfiado. Claro! Peraí, estou fantasiando que me deixaram um presente incrível... mas, só podia ser alguma pegadinha dos meus amigos. Tipo um rato morto dentro da caixa. Claro que era isso. Abri a caixinha tapando o nariz com a camisa, com medo do cheiro que sairia lá de dentro.

Para minha surpresa, ela era linda por dentro. Como se fosse a obra de um artista. Havia vários presentinhos dentro dela, arrumados com capricho:

1. Uma meia;
2. Notas de dinheiro antigas;
3. Uma fita do Senhor do Bonfim;
4. Uma camisinha (?!);
5. *Pen drive* (com várias das minhas músicas favoritas);
6. Chocolate branco;
7. A HQ nº1 do Homem-Invisível;
8. Um envelope menor.

Abri o envelope menor e estava escrito assim:

“Aceite estes 9 presentes para relembrar a nossa história”.

Tive uma sensação de *déjà vu*. Já li esse romance antes.

A mãe se aproximou com o pano de prato no ombro e me deu um copo de suco.

— Claro que eu sei quem foi, mas não posso contar.



DETEIIVE



Nem precisava ser um Sherlock Holmes para ter certeza de que havia o dedo da minha irmã naquela brincadeira. Lembrei que, prestes a abrir o berreiro com a mãe sobre a mudança, ela havia chegado em casa quieta demais.

Depois, quando entrei no quarto com a caixinha na mão, ela tava com a cara estranha, vermelha, como se tivesse peidado escondida.

- Sai daquiiii! Preciso estudar.
- Claro que foi você!
- Você acha que eu ia perder o meu tempo te entregando caixinha?
- Mas entregou em nome de alguém.

Daí, no meio do interrogatório, ela se deu conta de que deveria fingir surpresa com o presente. Porque em circunstâncias normais, claro que ela ia avançar em cima de mim, revirar a caixa inteira e me zoar o resto do ano.

Jurema pegou a caixa e ficou olhando os presentes, um a um. Pelo menos ela fez uma observação:

- Quem mandou o presente não sabe contar. Diz que são 9 presentes e só tem 8.
- Será que vai mandar o outro depois?

Fomos dormir. No meio da madrugada, acordei a Ju. Ela me respondeu feito um zumbi.

- Como é o nome daquele livro que a garota começa a receber umas cartas filosóficas pelo correio?
- *O mundo de Sofia* – virou para o lado, babando no travesseiro.

Era só o que me faltava. Agora estou no Mundo de Gabriel.
Quanta originalidade!

SUSPEITOS



Entre pegar a caixa e ir dormir, claro que corri para o celular e mandei as fotos do meu “presente” para os gêmeos. Passamos o final de noite especulando no *WhatsApp* sobre quem seria o autor daquela brincadeira. Até que eu constatei o óbvio: foram os gêmeos!

Levei o “presente” para o colégio no dia seguinte. Não conseguia me concentrar em aula nenhuma. Olhava para a turma como se todos fossem potenciais suspeitos. Até a professora parecia diferente, como se estivesse segurando o riso durante a aula inteira. Quem mandou aquela caixa com certeza me conhecia bem, porque eu comecei a fazer associações entre os objetos e minha personalidade. Todos eles diziam algo sobre mim.

— Jura que não foi você, Caco?

— Pelo ²*bv do meu irmão!

— Será que você tem uma admiradora secreta? Já reparei como a Dani fica te olhando durante a aula.

— Cara, a única vez que ela ficou me olhando foi porque tinha casca de feijão no meu dente. Não viaja – disse Paco.

— Pode ser um admirador.

— Ninguém gosta de mim. E se gostasse, que hora mais errada pra se declarar. Justo agora que tô indo embora.

— Vai ver, foi por isso mesmo que a pessoa tomou coragem.

— Querem saber, não vou cair na pilha.

Larguei a caixinha dentro do armário, esperando o brincahão se revelar nos próximos dias. Só que os dias passaram e nada.



A SEMANA DOS JOVENS TALENTOS



Para completar o meu colapso mental, estávamos no finalzinho da aula de Geografia quando a diretora Penélope roubou um pedaço da aula para dar um comunicado. Ela deu aviso entusiasmada, como se o Brasil tivesse ganhado a Copa:

— Abriram hoje as inscrições para a semana de talentos! Lembrando que os alunos que participarem ganharão um ponto na média.

— Ou seja, quem não tem talento nenhum perde um ponto, né! – eu cochichei com um dos gêmeos e, pelo visto, ela escutou.

— Todo mundo tem talento. A jornada envolve descobrir qual é. Penélope passou de carteira em carteira entregando as fichas de inscrição:

A Semana dos Jovens Talentos
FICHA DE INSCRIÇÃO

Nome completo: _____

Idade: _____

Ano: _____

O que você deseja apresentar? _____

Duração: _____

() Individual () Dupla () Trio

A Semana de Jovens Talentos, ou JT como apelidamos, surgiu para diversificar o calendário do colégio, que se resumia às Olimpíadas (que se resumiam a jogar futebol). A ideia era boa, mas todo ano era o mesmo sofrimento: eu não tinha nada de espetacular para apresentar. Quer dizer, eu sei mexer meu mamilo direito com a força do pensamento, mas acho que não se pode considerar isso um talento, né?

Todo ano a diretora tenta me convencer a participar, repetindo aqueles clichês motivacionais da *internet*: “Você consegue!”, “Todo mundo tem algo de legal”, “Blablabla...”

— O tema deste ano será “Identidade”. Vocês podem se inscrever com poesia, dança, música, teatro... E uma super novidade: vídeos curtos para o nosso canal!

Todo ano havia um tema para nortear as apresentações. Eram sempre palavras abstratas. Ano passado foi “Horizonte”, retrasado foi “Movimento”, re-retrasado foi “Espaço”. Todo ano a gente também reclama que final de junho é um mês péssimo para a semana de Talentos, porque acabamos de sair das provas e só queremos curtir as férias.

— O objetivo é a confraternização de final de semestre. Além disso, é importante lembrá-los de que (1) Não é um festival competitivo. O objetivo é participar. E (2), assim, ajudamos a pagar as despesas com a formatura do terceiro ano. Pensem nos amigos, pois a vez de vocês também vai chegar.

Veza de quem? Vou me mudar DE GALÁXIA daqui a um mês! Não quero participar, prefiro jogar futebol. Mas, passado o mau humor, reavaliei minha decisão. Voltei chacoalhando dentro do ônibus com Paco e Caco, tentando pensar em algo divertido para apresentar em trio.

— É que danço igual a uma lagartixa com dor de barriga, não sei tocar nenhum instrumento, sou tímido para falar na frente dos outros... Alguma sugestão?

— Apenas se divertir!

— E ser zoadado pelos próximos seis meses?

— Quais seis meses? Você vai sair do colégio, esqueceu?

— Nossa!

— O que você teria a perder? A reputação é que não é.

— Beleza, eu topo.



A CASA NOVA



Faltavam vinte dias para a mudança. Viemos amontoados na Baby Blue para, finalmente, eu e minha irmã conhecermos a casa nova. Foram três horas de viagem e, assim que entramos na cidade, foi “antipatia à primeira vista”. Sabe quando você acabou de conhecer uma pessoa e não vai com a cara dela? Tia Mara costuma dizer que “o santo não bateu”.

A casa ficava numa vila e parecia abandonada há uns 700 anos. Túlio parou o carro em frente à casa e o motor chamou a atenção da vizinhança inteira. O portão emperrou e a mãe pediu para eu pular o muro e tentar abrir por dentro, enquanto o vovô queria descer do carro, apertado para fazer xixi. Como é bom passear em família!

O quintal da casa nova era grande e tinha uma varandinha logo na entrada. Assim que a mãe abriu a porta, a Ju saiu correndo para escolher o quarto dela – sabe dia de promoção no mercado, que a galera corre sem rumo? Então. Quero ver ela publicar isso aí no canal!

Entrei num dos cômodos e ela estava gravando para os seguidores. Peguei a parte final da fala, o “no próximo vídeo, tour pela casa nova!”. Claro que entrei atrás dela, fazendo movimentos aleatórios só para implicar.

— Sai daquiiii! Para de estragar meus *stories*!
— Antes do *tour*, vamos negociar quem fica em qual quarto!
— Nada disso. Irmã mais velha tem prioridade. Sou mulher, preciso de mais espaço.

Mamãe e Mara falavam alto, andando empolgadas pela casa. Faziam planos. Tio Túlio me chamou, empolgado.

— Se eu fosse você, ficaria no quarto menor. É mais aconchegante.

Por um momento, fui contagiado pela euforia de ter um quarto só meu. Arrumar as coisas do meu jeito, longe da bagunça da Ju, entrar a hora que eu quisesse sem que algum objeto fosse arremessado em mim, poder dançar de cueca em cima da cama... enfim, essas coisas que a gente só faz quando está sozinho.

Se a casa nova fosse na cidade antiga, minha vida estaria ótima. Será que pensei em voz alta? Meu tio completou:

— Vida perfeita não existe. A gente ganha aqui, perde ali.
— Tô com medo dessa fase nova.
— Faz o seguinte, tenta pensar um dia de cada vez. Quando a gente pensa muito no futuro, as chances de se perder no labirinto são maiores.

Tio Túlio é meu ídolo. Chamo de tio por hábito, porque, na verdade, ele é meu primo, filho único da Mara. Ele tem 30 anos e meu sonho era ser mais velho

para sairmos juntos à noite. Embora ele seja mais caseiro. É escritor e tá lutando para conseguir publicar o primeiro livro. É um cara criativo.

Certa vez, eu era bem criança, tio Túlio teve a ideia de se fantasiar de coelho para entregar os ovos lá em casa. Combinou tudinho com a minha mãe e apareceu no quintal com o cesto de ovos. Ficamos fascinados. Só que o vira-lata, vendo aquele bicho de pelúcia gigante, invadiu nosso quintal para avançar nele. O “coelho” largou o cesto no chão e saiu correndo. Minha irmã começou a chorar e eu gargalhando. Descobrir dessa forma que o coelho não existia foi meio traumatizante, mas consta no Top 10 das cenas mais engraçadas que eu já presenciei.

— Tio, posso te perguntar uma parada? Foi você quem mandou a caixa? Essa ideia é a sua cara.

— Digamos que eu já soubesse...

— Me conta quem foi, por favor.

— Te dou uma pista sobre quem é. Mas a regra é: só pode me fazer uma pergunta.

Caramba, qual seria a pergunta perfeita pra me fazer chegar à identidade da pessoa? Pensei em perguntar se era da minha família, se era amigo... Preferi perguntar se era homem ou mulher. Já eliminaria metade dos suspeitos.

— Homem.

— Esse homem pode ser tipo duas pessoas?

— Não foram os gêmeos, Gabriel. Já que você tocou no assunto...

Ele pegou um envelope amassado no bolso da calça.

— Encontrei dentro do carro hoje de manhã.

A mensagem dizia assim:

“Você vai conhecer a pessoa mais importante da sua vida”.

Quem você pensa que é para se intitular a pessoa mais especial da minha vida?! A pessoa mais importante da minha vida é a minha mãe. Seguida pelo meu tio, pelo meu avô, pelo... Peraí... Será que foi o meu avô quem mandou essa caixa?! Será que ele foi curado do Alzheimer e tá planejando me dar a boa notícia em grande estilo?!

Fiquei arrepiado.

PRIMEIRO ENSAIO DO JT



Ninguém pode dizer que eu não tentei. Quando eu cheguei em casa depois do ensaio desastroso, minha mãe falou “Pior é se arrepender pelo que você não fez”, mas eu não concordo. Às vezes, a intuição sussurra para você não fazer algo, daí você insiste e *dá ruim*. Acho que ela só falou isso para se convencer de que precisamos mudar de cidade.

Na manhã do ensaio, eu saí de casa nervoso, mas otimista. A minha vontade de participar era menor do que a vontade de me expor na frente de todas as turmas do colégio. Quer dizer, das turmas do primeiro e segundo ano, o que dá na mesma.

Quantas entrevistas eu já não dei sentado no vaso sanitário? Quantas e quantas vezes eu fiquei cantando no chuveiro imaginado as quatro cadeiras do *The Voice* virando pra mim? Quantas vezes minha irmã já não me flagrou dançando funk no quarto porque eu fingia estar num *reality* de dança?

Na vida real, você vê o pátio do colégio lotado de amigos talentosos e fica se perguntando qual é o seu. Será que eu me esqueci de passar na fila dos talentos antes de nascer? Queria que olhassem pra mim e falassem “O Gabriel, o menino do primeiro ano que canta muito!”, mas eu tinha a sensação de passar despercebido.

- A minha “identidade” resume-se a um número na carteira.
- Biel, você é único. Agora, olha pra gente. Eu e Caco somos iguais!
- Literalmente.
- Pensa, passar a vida inteira com as pessoas te confundindo!
- Te confundindo com um cara horroroso igual o meu irmão.

Nos últimos anos, Paco e Caco adotaram a estratégia do corte de cabelo diferente. Paco é o de cabelo comprido, Caco de cabelo curto.

Estávamos no pátio do colégio assistindo aos ensaios do JT. Eles me convidaram para formar o trio, mas eu desisti quando eles se empolgaram em fazer uma batalha de rap no improviso. Se ensaiando eu já sou um fracasso, imagine improvisando! Então, tive outra ideia: pedi para o meu tio escrever uma poesia pra eu declamar. Seria uma forma das pessoas conhecerem o trabalho dele.

Quando a diretora disse que era a minha vez de apresentar, minha voz sumiu. Subi no palquinho improvisado, tremendo mais do que tamborim de escola de samba. Tentei me concentrar, mas a sensação era de que todos ali estavam segurando a vontade de rir ou sentindo pena de mim.

Penélope sugeriu que eu bebesse água e me apresentasse depois. Foi compreensiva, em nenhum momento me pressionou. Mas frisou que era importante eu ensaiar para “enfrentar” o público antes da estreia.

Então eu fui beber água, peguei o ônibus e voltei para casa.

Adeus, Semanas de Jovens Talentos!

Dentro do ônibus, não me pergunte como, eu encontrei outro envelope dentro da minha mochila. Por que a pessoa não me envia uma mensagem no celular ou nas redes sociais? Vamos nos atualizar para os novos tempos! Dessa vez, o bilhete dizia assim:

*“Aceita me conhecer na véspera da sua mudança?
Às 11 horas, no Parque Paraíso.”*



MEU ANIVERSÁRIO TOP 3



O Parque Paraíso é um lugar especial para mim. Ele foi o cenário do TOP 3 aniversários mais legais que já tive na história. Na época, minha mãe organizou um piquenique lá para comemorar meus doze anos e foi mágico. Quando fecho os

olhos, lembro daquele imenso gramado verde (ainda bem que você falou, Gabriel, pensei que a grama fosse azul!), correndo com meus amigos entre cestos de piquenique, esconde-esconde e meu tio Túlio caindo dentro do lago sem querer.

Concluí que a pessoa que mandou a caixa me conhecia melhor do que eu imaginava. Claro que eu mostrei o bilhete pra minha mãe antes de aceitar o convite. Em circunstâncias normais ela jamais permitiria que eu fosse. “Teu tio te leva”, ela falou.

O lado bom desse mistério com a caixinha é que distraiu meus pensamentos com a mudança. Embora, toda vez que eu parava para pensar, surgia um medo novo. Como seria entrar no meio do ano, numa turma entrosada? Além de ser o centro das atenções, ninguém ia gostar do intruso. “Quem é ele? É o aluno novo... Rafael... Daniel... Não, Gabriel!”



O MUNDO DE GABRIEL



Tô tremendo. Como eu não pensei nisso antes? Quem mandou a caixinha foi o meu pai!

Deus do céu, tô passando mal, não vou nesse encontro de jeito nenhum. Ele vai aparecer lá dizendo: “Foi mal, filho, eu sumi nos últimos quinze anos, mas

agora quero fazer as pazes. Pesquisei com seus amigos sobre os seus gostos, já que você é um completo estranho pra mim, mas queria apagar o passado e fingir que nada aconteceu”.

Minha mãe me flagrou jogando a caixinha na lixeira e ficou assustada.

— Pode ficar pra você, não quero mais esse presente!

— Que pecado, Gabriel! – ela disse, limpando a caixinha com desinfetante.

O cheiro do lixo impregnou na madeira. – Bolaram com tanto carinho!

— “Bolaram” quem, mãe? Se o objetivo dessa brincadeira era me divertir, deu tudo errado. Tô de mau humor. Me admira você aceitar que o pai retorne assim.

— Quem?! – ela arregalou os olhos.

— O meu pai!

— Gabriel, de onde você tirou essa ideia?

— Então, qual o motivo pra esse mistério todo?

— Você acha que se fosse ele, não mandaria uma caixinha pra sua irmã também?

Ela usou um argumento inusitado, mas me convenceu.

— É, pensando por esse lado...

— Vai dar uma volta – me deu quinze reais. – Toma, compra ração pro gato e pode ficar com o troco.

Peguei meu gato e lá fomos nós. Peguei a ração, depois passei na banca e comprei um gibi. Quando abro a revistinha, encontro outro envelope e a mensagem:

“Eu sou o Homem-Invisível”

DIA DA APRESENTAÇÃO



O colégio estava enfeitado para o JT. Alunos de todos os anos e familiares lotaram a escola para prestigiar nossa semana de Jovens Talentos. Pra variar, eu fui exibir o meu maior talento: a capacidade de comer descontroladamente e

experimentar cada um dos doces e salgados oferecidos dentro das barraquinhas.

Por ser em junho, tinha um certo clima de festa junina, embora a diretora sempre repetisse: “Não é festa junina!”.

Havia inúmeras barraquinhas. Quase nada era pago. As famílias levavam as comidas e, por incrível que pareça, dava certo. Ainda sobrava muita comida. Pelo visto, ninguém é esganado como eu. Os alunos do Terceirão não se apresentavam, cuidavam das barraquinhas de bebida. A venda (de bebidas não alcoólicas, ok? Já pensou, uma apresentação de dança ou música ou poesia com os alunos bêbados?!) era revertida para a produção da formatura do Terceiro Ano.

A diretora transformou as salas de aula em espaços para as apresentações e apelidou o palco principal, montado no pátio, de Palco Mundo. Reza a lenda que a Penélope é roqueira e em toda edição tá no *Rock in Rio*. Ano passado, até circulou uma foto dela berrando na grade de um show! É no Palco Mundo que acontecem as apresentações de teatro do segundo ato. São sempre duas apresentações: uma para as crianças e outra para os adultos.

Aliás, a Ju fazia parte do elenco da peça infantil. Esbarrei com ela vestida de garça conversando com a minha *crush*.

- Sai daquiiii! – ela me bateu com a cabeça da fantasia.
- A mãe falou pra eu pegar o dinheiro da bebida contigo.
- Ah, tá brincando! Isso é hora?
- Tadinho dele – disse a voz mais linda da galáxia.

As duas pareciam estressadas com a apresentação. Esse ano escolheram o Patinho Feio para o público infantil por conta do tema “Identidade”. Queriam transmitir para as crianças a mensagem de que “Você se sente um patinho feio, mas esconde um cisne”. Ah, tá bom. Você cresce esperando virar um cisne e só vira um pato velho mesmo.

Claro que não vou falar isso pros pequenos, né?

Minha família chegou depois de mim. Chegaram de Brasília, é claro. Tia Mara procurando alguma barraca para comprar cigarro (!) e até o meu avô, sentindo-se num baile dos anos 50, convidou uma estranha para dançar.

No fundinho da alma, eu queria me apresentar. Queria sentir a adrenalina que meus amigos estavam sentindo. Paco e Caco haviam acabado de se apresentar e mandaram muito bem! Depois de parabenizá-los no final da apresentação, senti a mão mais linda da galáxia puxar o meu braço.

— Gabriel! – ela estava segurando um figurino – Um amigo nosso passou mal e não pode vir. Você topa substituí-lo? Por favor!

— Quê?!

— Sua irmã falou que você é supertalentoso, que canta no chuveiro... Um talento nato!

— Ela falou isso?

Numa comédia romântica, quando a garota linda pede um negócio desses pro garotão esquisitão, no final da história ele ganha um beijo e os dois são felizes para sempre, mas já vou adiantar que comigo é diferente. Inclusive, ela foi com o namorado.

— O personagem é o narrador. Só tem quatro falas durante a peça. Você pode ler as falas, não tem problema. Ai, muito obrigado! Você salvou a gente! – e despejou a roupa no meu colo.

Quando dei por mim, estava fantasiado de pato, esperando o sinal da diretora para entrar em cena. Ela sorriu, orgulhosa, e mandou eu ir. Respirei fundo e caminhei com as pernas bambas, pensei que ia ter um treco. Olhei para o público – paralisia – e as crianças estavam com os olhinhos brilhando. Me dei conta de que, naquele momento elas não me viam como o Gabriel, filho da Mônica, mas me viam como o Pato Narrador.

Relaxe. Até improvisei uma voz de Pato.

— A história que vamos contar fala sobre um patinho que se achava esquisito!

Claro que eu não vou ganhar o Oscar de melhor ator, mas a apresentação foi incrível. Fomos aplaudidos e tive vontade de continuar em cena. Se eu soubesse que seria tão legal... Como perdi tempo me preocupando à toa!

Guardando o figurino, encontrei aquele que seria o último bilhete:

*“Eis o presente que estava faltando: coragem.
Ansioso para amanhã?”*

HOMEM-INVISÍVEL



Escuro. Eu ouvia o barulho das folhas conforme andava pelo parque, guiado pelo meu tio. Tropecei umas duas vezes no caminho e ele falou que era um péssimo cão-guia. O meu coração estava disparado. Eu sentia a mistura de medo, com ansiedade, com curiosidade, com alegria... Até saudade eu senti, imaginando que depois de tirar aquela venda dos olhos o jogo teria acabado.

De certa forma, eu me senti especial recebendo as mensagens de alguém desconhecido.

Era como a voz de Deus me encorajando.

— Por que você tá rindo? – perguntou tio Túlio.

— Nada, deixa quieto.

Não tive coragem de contar para o tio Túlio que eu me imaginei arrancando a venda e surgia o Faustão falando “Você está no Arquivo Confidencial!”. Que hora imprópria pra pensar nisso.

Quem seria essa pessoa que todos conheciam, que eu mesmo conhecia, que estaria ali quando eu abrisse os olhos? Quem podia dizer que era a pessoa mais especial da minha vida, que foi meu parceiro em todas as horas, encorajando-me a enfrentar os medos, que me distraiu da mudança, que tornou a realidade dos problemas um pouco mais lúdica e leve?

Paramos de andar.

— Pode tirar a venda – falou meu tio.

Tinha mais gente com ele, pois consegui reconhecer a risada do Paco. Esperei tanto por aquele momento... e me faltava coragem para descobrir a identidade da pessoa.

— Bora, Gabriel!

Arranquei o lenço que cobria meus olhos e a claridade atrapalhou a minha visão, impedindo que eu enxergasse qualquer coisa de imediato. Até que o borrão à minha frente foi ganhando forma e me vi diante de um espelho. Olhei para trás e todos os personagens da minha história estavam presentes. Minha mãe, Jurema, Paco e Caco, tio Túlio, meu avô, tia Mara, Penélope... Até o jornalista, minha *crush* e o namorado!

Mamãe mandou olhar para frente de novo, como se eu estivesse estragando a brincadeira.

Penélope aproximou-se e pediu para que continuasse concentrado na minha imagem refletida no espelho.

— A pessoa mais importante da minha vida sou eu?

— Não, a pessoa mais importante é um espelho! – minha irmã me zoando, impaciente.

Eu ri. Ri de nervoso, ri envergonhado. Até que eu me distraí com a minha imagem. Fiquei em silêncio, contemplando minhas qualidades e imperfeições.

Meus olhos ficaram marejados porque eu gostei do que vi. Ainda tinha o rosto de criança, embora meu corpo quisesse ficar adulto. Sentia-me mais novo do que eu era. E também com mais problemas do que eu poderia suportar.

A vontade foi de me abraçar. Abraçar o espelho. Mas daí seria uma cena ridícula demais.

Tia Mara tava impaciente com aquela cena toda e interrompeu o jogo lúdico.

— Agora, vamos comer. Tô morrendo de fome! – ela disse, estendendo a toalha e pegando a cesta para o piquenique.

Meu tio me entregou um envelope.

— Essa é a última carta. Mas você só deve abri-la durante a viagem. Faz parte das regras.

— Ler no carro me dá enjôo.

— Então escolha uma música que você gosta e leia a carta na sua primeira noite na casa nova. Escolha um cantinho especial.

— Combinado!

Claro que eu não aguentei esperar. A primeira coisa que fiz naquele mesmo dia... bem, vocês imaginam qual foi.



A CARTA



Gabriel,

Acompanho-o desde o seu nascimento. Amo conhecê-lo um pouco mais a cada dia. Pedi para que o seu tio Túlio escrevesse essa carta por mim. Eu sou você, mas moro no futuro. Venho de 2035 para lhe contar que vai ficar tudo bem.

Veja só, é contra as regras lhe dar *spoilers* sobre a sua vida, porque a graça é descobrir experimentando. Mas como eu sei que você é ansioso demais e as últimas semanas foram difíceis, achei que precisava te acalmar. Já passei dos 30 anos. Descobri um grande talento e esse talento que paga as contas hoje em dia. Rapaz, até você o descobrir, vai bater um desespero... Até vontade de desistir! Mas não tenha medo. Hoje, quando eu me lembro dos meus quinze anos, percebo como essa mudança de cidade foi importante. Amadurecemos tanto, né? E vou lhe falar, os problemas existirão para sempre. Com 8 anos, era o medo de escuro. Com quinze, o medo de beijar pela primeira vez. Aos 20, não passar no Vestibular. A gente cresce, mas continua sendo criança para sempre.

Pedi para que as pessoas que o amam enviassem presentes para você dentro de uma caixa. Coisas que falassem um pouco sobre a sua individualidade. Claro que você não se resume a uns nove objetos, mas é impossível ver meias coloridas e não lembrar de você. Comer chocolate branco e não lembrar que é o seu sabor favorito. Que você é o maior fã do Homem-Invisível.

Naquela tarde, quando o jogo da adivinhação começou, quem deixou a caixinha na sua porta foi o jornaleiro. Ele tocou a campainha e se escondeu no quintal. Depois, a sua irmã, seus amigos, sua tia Mara e até sua mãe ajudaram a esconder os envelopes nas suas coisas. Foi um trabalho em equipe. Sabia que até o vovô pediu para esconder uma das cartas pra você? Mas ele a perdeu... só que jamais se esqueceu de você.

Fiquei encantado ao abrir a caixinha e me reencontrar com o Gabriel de 15 anos. Hoje em dia, poderia acrescentar tantos objetos nessa caixa! Sem falar naqueles impalpáveis, como a coragem, a ansiedade, a lealdade... Ao longo da jornada somos muitos num só, mas a essência é a mesma, sacou? E eu tenho certeza de que essa mudança de cidade fará você conhecer mais um Gabriel que habita dentro de você. Orgulhe-se por morar dentro dele!

Um beijo, do Gabriel.

RETORNO



Eram as férias de janeiro. Os últimos seis meses passaram rápido. Não vou dizer que foram meses divertidos, porque a adaptação exigiu muito de mim. Nesse momento, a Baby Blue acabou de morrer na estrada e estamos empurrando o carro, enquanto meu tio tenta engrenar o motor. Tia Mara tá xingando na janela.

Vou passar uma semana na casa dos gêmeos e tô levando um amigo junto comigo. O apelido dele é Teta e, logo no primeiro dia de aula, me acolheu no recreio como se eu fosse um filhote de urso panda abandonado. A amizade começou com aquela pergunta cretina: “Quem é você?”, e como ele não sabia absolutamente nada sobre mim, por um instante me ocorreu que eu poderia inventar qualquer história. Por exemplo, eu podia me chamar Matheus e ser jogador de basquete. Ou podia me chamar Pedro, recém-chegado de Minas Gerais, e até inventar um sotaque, uai.

Foi mágico imaginar que, ali, ainda não havia rótulos ou pré-conceitos sobre quem eu era. Apesar de tudo, eu queria continuar sendo o Gabriel. Ansioso e sofrendo por antecipação. Sempre fui o mesmo, só aprendi a confiar mais em mim.

FIM



SOBRE O AUTOR



FELIPE BARENCO

Felipe Barenco é um dos autores mais festejados pelo público jovem. Nascido em Petrópolis (RJ), escreveu os romances para jovens adultos Fake (2014) e Doiscincomeia (2018). É formado em Direção Teatral pela UFRJ e realizou trabalhos em teatro, internet e televisão. Conheça mais sobre o autor em felipebarenco.com.br

SOBRE O ILUSTRADOR



ESTÚDIO PANDORA

Em mais de 20 anos conseguimos formar uma grande rede de profissionais que acreditam nos nossos projetos. E, nós, claro, acreditamos em cada um deles, com muita confiança. Dizer que agenciamos ilustradores é muito pouco para o que realmente é o Estúdio Pandora – somos uma comunidade de artistas visuais, em busca pelo melhor resultado, sempre!

Com toda essa versatilidade, temos ilustradores expressivos, viscerais, detalhistas, minimalistas, entre tantas outras peculiaridades, e a nossa tarefa é unir o projeto certo com os artistas certos, para que, assim, tanto o processo quanto o trabalho final sejam únicos e incríveis.



Leia Comigo!

Gabriel é um adolescente de 15 anos que descobre que vai mudar de cidade. A notícia deixa o jovem inseguro, mas junto com ela chega outra surpresa: uma caixa. Em busca de desvendar a identidade de quem lhe enviou a surpresa, Gabriel acaba descobrindo muito mais sobre a sua própria identidade.

Agradecemos aos parceiros que investem em nosso projeto.

